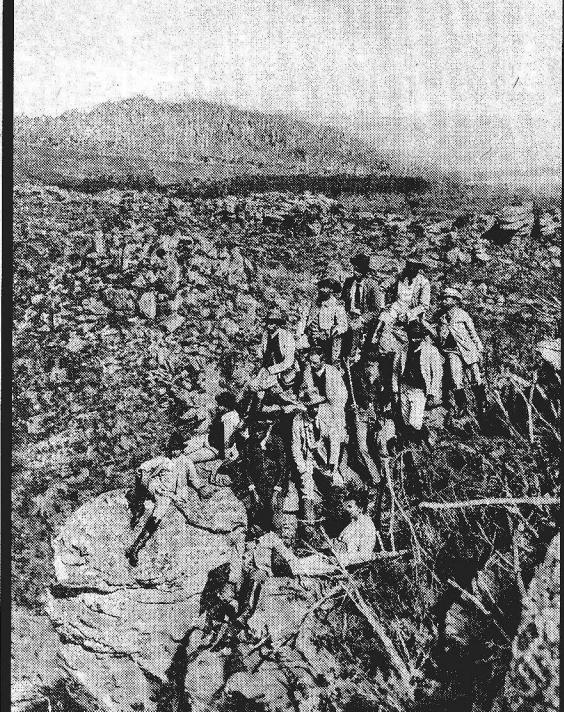


Estudiosos e ajudantes percorreram mais de quatro mil quilômetros para contar ao país onde seria construída a nova capital

ELES VIERAM NA FRENTE

Fotos: Henrique Morize/Arquivo Público do DF



Missão Cruls nos Pirenéus, no dia 3 de agosto de 1892

Foram sete meses de trabalho, de 9 de junho de 1892 a 28 de fevereiro de 1893, nos quais 22 homens percorreram mais de 4 mil quilômetros para um levantamento minucioso da topografia, clima, hidrologia, geologia, fauna, flora, doenças típicas, recursos minerais e materiais de construção existentes na região onde seria demarcado, no Planalto Central, o quadrilátero destinado à construção de Brasília.

O local já havia sido escolhido pelos constituintes de 1891. O artigo 3º da Constituição de 1891 determinou que uma área de 14.400 km² passaria à União para nela "estabelecer-se a futura Capital Federal". (Mais tarde, essa área foi reduzida para 5.782 km²).

Faltava demarcar a área e, principalmente, conhecê-la a fundo. A capital deveria ser instalada próxima às cabeceiras dos tributários de três dos maiores rios brasileiros — o Maranhão, afluente do Tocantins; o Preto, do São Francisco; e os rios São Bartolomeu e Descoberto, do Paraná.

Em vez de demarcar o Distrito Federal tendo como limites rios e montanhas, a comissão optou por seguir o exemplo dos Estados Unidos: tomar emprestado arcos de meridiano e arcos de paralelos e demarcar o quadrilátero com os lados desses arcos. Assim, seriam menores os problemas de limites e mais fácil a demarcação.

Barracas, armas, equipamentos e mantimentos ocuparam 206 caixas e fardos, que pesavam 9.640 quilos. O equipamento utilizado compunha-se de teodolitos, sextantes, cronômetros e relógios, barômetros, círculo meridiano, lunetas, bússolas, podômetros, instrumentos meteorológicos e material fotográfico (veja glossário). Todo esse peso seguiu de trem em viagem do Rio de Janeiro a Uberaba, Minas Gerais. Dali em diante, em animais cargueiros, que saíram de Uberaba a 29 de junho.

Era 13 de julho quando a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chefiada pelo diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, Luiz Cruls, chegou à fazenda de Mariano dos Casados, em Catalão (Goiás). Na noite anterior, eles enfrentaram um frio de até 2 graus centígrados negativos. A bagagem ficou coberta por uma camada de gelo de três a quatro milímetros de espessura. No dia 2 de agosto, chegaram a Pirenópolis e lá dividiram-se em duas turmas, uma delas seguiu direto para Formosa (Goiás) e outro por Santa Luzia (Luziânia, Goiás) até as duas encontrarem-se em Formosa.

A tarefa de dividir material e as duas equipes era demorada e, enquanto esperavam os preparativos, alguns membros da comissão decidiram medir o Pico dos Pireneus. Na época, era grande a discordância a respeito da sua altura exata. Até então, os mapas do Brasil fixavam em 3 mil metros a altitude do Pireneus. Às 12h de 8 de agosto, dez dos 22 membros da Missão Cruls chegaram ao

alto do pico e ali deixaram um documento assinado por todos eles e guardado numa caixa de metal, com a altura exata do ponto culminante: 1.385 metros.

Dividida a Missão em duas equipes, a primeira saiu de Pirenópolis em 18 de agosto, incumbida de fazer o percurso Corumbá, Santa Luzia e Mestre D'Armas. Cinco dias depois, Luiz Cruls deixou Pirenópolis liderando a segunda equipe e a 1º de setembro chegou a Formosa, "cuja fama de beleza lembrada por seu nome não é pouco exagerada". Passeando pela Lagoa Feia, Cruls se impressionou com a quantidade de aguapés: "Quando numa canoa, cortam-se-lhe as águas, o aspecto dessas plantas aquáticas produz uma impressão um tanto aterradora, daí talvez a denominação de Feia", descreve o explorador. É na Lagoa Feia que nasce o Rio Preto, afluente do São Francisco, e isso vai constar do Relatório Cruls.

De Formosa, a Missão saiu para explorar a Lagoa de mesmo nome e o Salto do Itiquira. Gastaram mais de uma hora, a cavalo, para descer as escarpas que davam acesso à cachoeira: "É de lindo efeito essa cachoeira; suas águas pouco volumosas desempenham-se, quase em um único salto de 120 metros até o fundo do vale". No dia seguinte, 18 de setembro, chegaram à Lagoa Formosa, mas não tiveram boa impressão. Época de seca, estavam rasas águas da lagoa.

Para determinar a posição dos quatro vértices do quadrilátero, a missão dividiu-se em quatro grupos. O do vértice noroeste foi chefiado por Augusto Tasso Fragoso; o do sudoeste, por Luiz Cruls; do nordeste, Julião de Oliveira; e do sudeste, Henrique Morize. A demarcação do nordeste foi a última a ser feita, e só foi concluída em janeiro. Em fevereiro, todo o trabalho da Missão Cruls estava concluído.

Ao escrever o relatório final, recebido com aplausos pela comunidade científica, Luiz Cruls derrama-se em elogios à área escolhida para abrigar a nova capital: "...existe no interior do Brasil uma zona gozando de excelente clima com riquezas naturais, que só pedem braços para serem exploradas".

O astrônomo usa argumentos arrebatadores para defender a idéia de mudança da capital para o Planalto Central: "Quanto aos inconvenientes ou desvantagens que dessa medida podem provar, acreditamos que eles só existem na imaginação de um pequeno número de pessoas pouco propensas às idéias progressistas e que, considerando insuperáveis as dificuldades que lhe são inerentes, acham preferível não sair dos trilhos da velha rotina, esquecendo-se que esta é incompatível com todo e qualquer progresso."

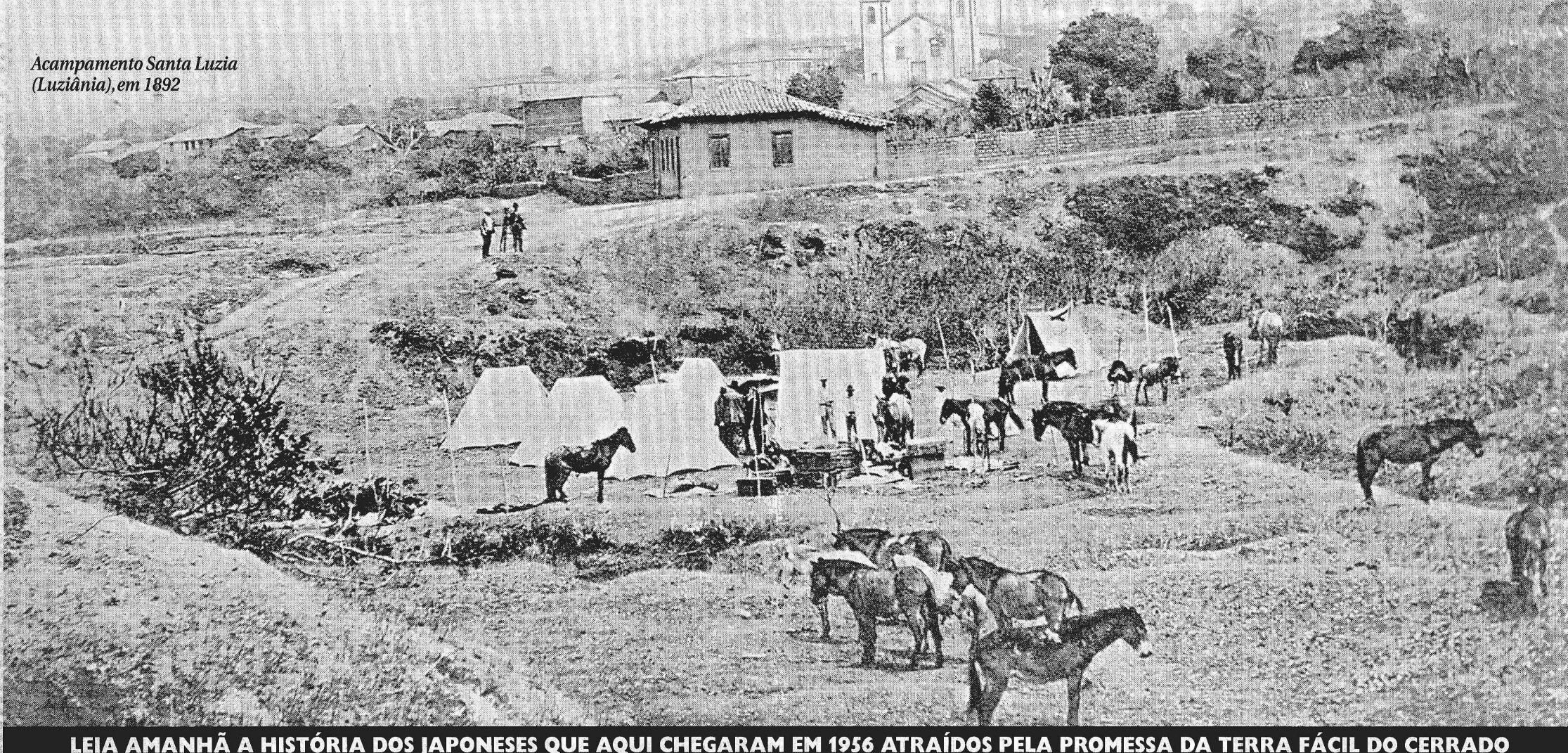
■ Pesquisa e texto: Conceição Freitas

OBRA CONSULTADA:

Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, Governo do Distrito Federal, Brasília, 1987.



Acampamento Santa Luzia (Luziânia), em 1892



SÉRIE HISTÓRIA

Na próxima segunda 20, a escolha do local exato para a construção de Brasília e a promessa de Juscelino, ainda candidato à presidente

OS EXPLORADORES

Luiz Cruls	chefe
J.de Oliveira Lacaille	astrônomo
Henrique Morize	astrônomo
Antonio Martins de Azevedo Pimentel	médico higienista
Pedro Gouvêa	médico
Celestino Alves Bastos	ajudante
Augusto Tasso Fragoso	secretário
Hastimphilo de Moura	ajudante
Alípio Gama	ajudante
Antonio Cavalcante Albuquerque	ajudante
Alfredo José Abrantes	farmacêutico
Eugenio Hussak	geólogo
Ernesto Ule	botânico
Felicíssimo do Espírito Santo	auxiliar
Antonio Jacintho de Araújo Costa	auxiliar
João de Azevedo Peres Cuyabá	auxiliar
José Paulo de Mello	auxiliar
Eduardo Chartier	mechanicano
Francisco Souto	ajudante de mecânico
Pedro Carolina Pinto de Almeida	comandante do contingente
Joaquim Rodrigues de Siqueira Jardim	alferes do contingente
Henrique Silva	alferes do contingente

QUEM FOI LUIZ CRULS

Existe no céu um cometa que tem o nome de Cruls, porque foi o astrônomo Luiz Cruls quem o descobriu. Por isso, mereceu o Prêmio Valz, da Academia de Ciências de Paris. Engenheiro, geógrafo e astrônomo belga, Cruls deixou o Exército de seu país para vir compor a Comissão da Carta Geral do Império, em 1874. Seis anos depois, foi trabalhar no Observatório Astronômico, no Rio de Janeiro. Era diretor do Observatório, quando trocou o céu do qual tanto gostava pelo cerrado e liderou a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Luiz Cruls chefou também a missão encarregada de explorar as nascentes do Rio Javari, que iria ajudar na definição dos conflituosos limites entre Brasil e Bolívia. O astrônomo era incansável: organizou um dicionário climatológico universal, escreveu e publicou a observação da passagem de Vênus sobre disco solar em 1882, Organização da carta geográfica e da história e política do Brasil, Notícias sobre as estradas de ferro estratégicas do Brasil e Notícias sobre o Observatório Imperial do Rio de Janeiro. Cruls morreu em Paris, em 1908, aos 60 anos.

GLOSSÁRIO

CÍRCULO MERIDIANO	um astro acima do horizonte
Instrumento astronômico de alta precisão	
MICRÔMETRO	
Instrumento para medir comprimento e ângulos muito pequenos luneta astronômica	
TEODOLITO	
Instrumento óptico para medir com precisão ângulos horizontais e ângulos verticais	
BARÔMETRO	
Instrumento que mede a pressão atmosférica anerôide	
SEXTANTE	
Instrumento óptico constituído de dois espelhos e uma luneta astronômica presos a um setor circular de 60 graus, destinado a medir a altura de	
PODÔMETRO	
Instrumento de bolso para contagem dos passos percorridos por um caminhante	